



IV CICLO DE DEBATES
PERIÓDICOS UFSC

RELATÓRIO FINAL

“Direito autoral e critérios de qualidade na publicação científica”

Realizado em 5 de maio de 2015

Florianópolis, Santa Catarina, Brasil

Universidade Federal de Santa Catarina
Biblioteca Universitária – Portal de Periódicos UFSC

Reitora

Prof.^a Dr.^a Roselane Neckel

Vice-reitora

Prof.^a Dr.^a Lúcia Helena Pacheco

Diretora da Biblioteca Universitária da UFSC

Bibliotecária Sigrid Karin Weiss Dutra

Coordenadora do Portal de Periódicos UFSC

Bibliotecária Lúcia da Silveira

IV CICLO DE DEBATES PERIÓDICOS UFSC

Coordenação e Organização

Sigrid Karin Weiss Dutra

Lúcia da Silveira

Alexandre Pedro de Oliveira

Gabriel Araldi Walter

Juliana Aparecida Gulka

João Oscar do Espírito Santo

José Paulo Speck Pereira

Cerimonial

José Paulo Speck Pereira

Relatoria

Joana Carla Felício

Secretaria

Marizete de Siqueira

Renata Domingues

Realização: Biblioteca Universitária | Portal de Periódicos UFSC

Apoio: Imprensa Universitária | LED

Parcerias: Departamento de Ciência da Informação | Laboratório de Periódicos Científicos UFSC | Superintendência de Governança Eletrônica e Tecnologia da Informação e Comunicação

FICHA TÉCNICA

Redação: Joana Carla Felício

Revisão Geral: Lúcia da Silveira e Juliana A. Gulka

Diagramação: Julia Mattia

Revisão de Português: Mirna Saidy

Portal de Periódicos UFSC

Campus Universitário Reitor João David F. Lima, Acesso Trindade. Florianópolis - SC

Telefone: (48) 3721-9482

<http://periódicos.ufsc.br>

Florianópolis, abril de 2017.

Apresentação

Este relatório tem o objetivo de registrar a quarta edição do Ciclo de Debates Periódicos UFSC, realizada em 5 de maio de 2015, no Auditório Elke Hering, Biblioteca Central, Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), *Campus Florianópolis*. O tema central do ciclo foi “Direito autoral e critérios de qualidade na publicação científica”.

O Ciclo de Debates Periódicos UFSC, evento de iniciativa da Biblioteca Universitária e do Portal de Periódicos UFSC, visa proporcionar aos participantes o acesso às principais inovações em torno do gerenciamento de informações nos portais de periódicos, sobretudo a troca de experiência entre editores, bibliotecários e pesquisadores.

Sumário

ABERTURA.....	4
PALESTRA: "OS PARADIGMAS DA PUBLICAÇÃO CIENTÍFICA"	6
Debate.....	7
MESA-REDONDA: "DIREITOS AUTORAIS E CREATIVE COMMONS"	9
"Políticas editoriais e direitos autorais"	9
"Direitos autorais e licenças Creative Commons (CC)"	11
Debate.....	12
PALESTRA: "ACESSO ABERTO: MODELO DE NEGÓCIOS E PROCESSO EDITORIAL"	15
Debate.....	16
PALESTRA: "CRITÉRIOS DE INDEXAÇÃO NO WEB OF SCIENCE"	18
Debate.....	18
RELATOS DE EXPERIÊNCIAS.....	19
Revista Cadernos de Tradução: "Desafios na submissão do periódico no SciELO"	19
Revista Estudos Feministas: "Desafios de permanência no SciELO"	19
Revista Brasileira de Cineantropometria e Desempenho Humano: "Desafios de permanência no SciELO"	20
SeTIC: "Aplicação da marcação XML"	21
Debate.....	22
LABORATÓRIO DE PERIÓDICOS UFSC.....	24
AÇÕES E PANORAMA DO PORTAL DE PERIÓDICOS UFSC	26
APÊNDICE A – PROGRAMAÇÃO.....	28
APÊNDICE B – FOTOS.....	30

Abertura

O bibliotecário José Paulo Speck Pereira deu início ao evento, cumprimentando os participantes e convidando as autoridades a comporem a mesa de abertura. Seguiu-se com a execução do hino nacional brasileiro e, na sequência, com a fala das autoridades presentes, que deram as boas-vindas aos participantes do evento.

A bibliotecária Sigrid Karin Weiss Dutra, diretora da Biblioteca Universitária da UFSC, ressaltou que o Portal foi um projeto institucional que deu muito certo, de iniciativa da Prof.^a Dr.^a Úrsula Blattmann e da Prof.^a Dr.^a Rosângela Schwarz Rodrigues na Pró-Reitoria de Cultura e Extensão. Em maio de 2008, o Portal iniciou e evoluiu com o apoio da Biblioteca Universitária, durante a gestão da bibliotecária Narcisa Amboni, e foi tendo continuidade até os dias de hoje. Enfatizou que se tem conseguido atingir a missão e a visão do Portal, que está tendo, cada vez mais, visibilidade. Agradeceu aos parceiros, à equipe do Portal, e desejou aos participantes um bom aproveitamento do evento.

Prof. Dr. Juarez Vieira do Nascimento, pró-reitor adjunto de pós-graduação da UFSC — Destacou que se trata de um evento no qual se pode aprofundar muitas questões para a qualificação dos periódicos. Falou da importância do trabalho dos servidores técnico-administrativos da Biblioteca que atuam no Portal, enfatizando que se trata de um trabalho árduo, mas que a UFSC tem uma gestão profissionalizada dos periódicos. Desejou a todos um grande evento, e que seja uma continuação de vários outros.

Prof. Dr. Jamil Assreuy, pró-reitor de pesquisa da UFSC — Destacou a importância do Portal de Periódicos, motivo de orgulho para a UFSC. Segundo Jamil, trata-se de uma experiência que deu e está dando certo, uma iniciativa muito interessante. Ressaltou a qualificação do pessoal que trabalha no sistema de incubação de periódicos. Agradeceu a todos que construíram a ideia ao longo do tempo. Enfatizou que a Biblioteca é um elemento atrator e definidor de conhecimento. Agradeceu aos participantes e fez um apelo para que a inteligência coletiva colabore para o avanço do conhecimento.

Prof.^a Dr.^a Lúcia Helena Pacheco, vice-reitora da UFSC — Cumprimentou as professoras Gleisy Regina Bóries Fachin, Úrsula Blattmann e Rosângela Schwarz Rodrigues pelo entusiasmo de trabalhar na elaboração



do Portal, de aperfeiçoar, formar pessoas para que possam dar continuidade a esta obra. De acordo com a Prof.^a Lúcia, o Portal é muito importante para as instituições de ensino superior, pois é um instrumento propiciador de qualidade, agilidade e divulgação das publicações científicas. Por isso, faz-se necessário tornar este projeto o mais institucional possível, colocando pessoas, garantindo um olhar mais institucional neste processo. As questões propostas no evento (indexação, direitos autorais) são muito pertinentes para garantir a qualidade nas publicações. Agradeceu a todos os membros que estão trabalhando na garantia e possibilidade do acesso à informação.



Palestra: “Os paradigmas da publicação científica”

Na sequência, o Prof. Dr. Benedito Barraviera, da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP), ministrou a palestra intitulada “Os paradigmas da publicação científica”.

Iniciando com a definição do termo paradigma, que significa “modelo padrão”, enfatizou a existência de diversos modelos e padrões para a publicação científica, quais sejam: quantidade, visibilidade, acessibilidade, sustentabilidade, entre outros.

Ressaltou a política brasileira que atrela a qualidade à meritocracia do fator de impacto que é publicado pelo Web of Science, que induz o pesquisador a publicar em revistas com elevado fator de impacto para obter conceitos maiores na pós-graduação. Com isso, nossos pesquisadores publicam no exterior, em detrimento dos periódicos brasileiros.

Mostrou que ao longo de 20 anos o impacto da qualidade da publicação no Brasil encontra-se estável, não sobe. Destacou que a quantidade é inversamente proporcional à qualidade. Quando aumentamos a quantidade, diminuímos a qualidade. Isso pode ser demonstrado pelo fator de impacto, uma equação entre o número de citações (numerador) e a soma de artigos publicados (denominador).

Alguns pesquisadores brasileiros, entretanto, dizem que precisamos publicar 60 artigos por ano. Esta proposta joga contra o aumento do fator de impacto, quer quantidade. Destacou que a partir de 2016, segundo o SciELO, editoriais, artigos, adendos, comentários, etc. entram no cálculo do fator de impacto.

Enfatizou que para aumentar a visibilidade de um artigo é importante: publicar em inglês; indexar em bases de dados; usar redes sociais, ferramentas importantíssimas neste quesito; aproveitar as oportunidades publicando sobre assuntos que estejam em discussão no momento (exemplificou com um artigo sobre o ebola); pensar bem no título da publicação também é fundamental.

O editor chefe precisa ser proativo. Sobre a velocidade de publicação, informou que as revistas de maior impacto levam de três a quatro meses para publicar um artigo. As revistas de fluxo contínuo, que não



possuem fascículos, vieram para agilizar este processo de publicação. As verdadeiras revistas eletrônicas são de fluxo contínuo.

O paradigma da acessibilidade refere-se à importância de ter o próprio endereço na internet, ter um domínio próprio, incluir o Digital Object Identifier (DOI), ter o acesso aberto e estar acessível a todos os dispositivos móveis. Apresentou o funcionograma de um periódico científico e falou das características do editor chefe. Para concluir, ressaltou que a execução adequada dos paradigmas da publicação científica desemboca num funil denominado citação, ato da credibilidade e do respeito, e que os paradigmas devem ser equilibrados, mais qualidade, mais citação, mais submissões, maior fator de impacto.

DEBATE

Deu-se início ao momento para perguntas e comentários.

Bianca Amaro de Melo, do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT), destacou que não percebe a questão do idioma atrelada à qualidade dos periódicos. Segundo Bianca, trata-se de uma questão de internacionalização, mas não necessariamente de qualidade. Ressaltou que há um público significativo, tanto no Brasil como nos países hispanos, que muitas vezes preferem ler em português, e não em inglês. Normalmente, as pessoas fogem da língua inglesa, e existe um impacto muito grande dos periódicos também no Brasil.

Prof. Dr. Benedito Barraviera (UNESP) concordou parcialmente com a fala de Bianca e ressaltou que os periódicos devem ter a missão bem definida: Onde querem chegar?

Prof. Dr. Juarez Vieira do Nascimento, pró-reitor adjunto de pós-graduação da UFSC, falou sobre os critérios para seleção de bolsas de produtividade do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), em que são priorizadas as publicações internacionais em detrimento das nacionais. A qualidade é medida a partir do fator de impacto que vai de encontro ao conceito de Thomas Kuhn, que é da transformação que acontece na ciência a partir da utilidade daquele produto na comunidade científica. A difusão do conhecimento na comunidade. O que se avalia é o quanto se está sendo citado, o paradigma é o de produzir ou não, estar sendo citado ou não. Será que deve ser este o paradigma para se avaliar a qualidade da produção científica?



Prof. Dr. Benedito Barraviera (UNESP) ressaltou que é preciso ter um estímulo ao pesquisador para publicar artigos de qualidade no Brasil, do contrário não se sairá dos 20 anos de estagnação. É preciso mudar.

Carla, da produção editorial da *Revista Linhas* (UDESC), questionou a respeito do prazo ideal para a publicação de um artigo, se varia de acordo com a área do conhecimento. Argumentou que, para artigos da área da saúde, um prazo de quatro meses, quatro meses e meio, pode ser considerado um prazo ótimo. Entretanto, na área da educação se leva um tempo maior entre a data de aceitação até a publicação do artigo.

Prof. Dr. Benedito Barraviera (UNESP) enfatizou que é preciso identificar onde está o gargalo. É no *feedback* do parecerista? Ou a demora está em o autor devolver o artigo com as correções?

Participante — Disse que a partir da explanação teve a impressão de que o paradigma principal é a figura do editor. Falou que atua numa universidade comunitária e que tem uma imensa dificuldade de garantir uma gestão mais profissional do editor chefe, que muitas vezes se divide na tarefa de pesquisador, professor, editor e outras coisas mais. Indagou sobre quais questões poderiam ser apontadas para esta profissionalização.

Prof. Dr. Benedito Barraviera (UNESP) enfatizou que fazer revista no Brasil é isso mesmo: se é editor também, além de professor, pesquisador, etc. Em outros países, o editor é um profissional que inclusive tem salário, ganha para isso. Pode-se pleitear um aumento de salário ou estabelecer um sistema de pontuação, um *upgrade* na avaliação como docente.



Mesa-redonda: “Direitos autorais e Creative Commons”

Dando sequência ao IV Ciclo de Debates Periódicos UFSC, foi iniciada a mesa-redonda dedicada ao tema “Direitos autorais e Creative Commons”, sob a moderação do bibliotecário Fábio Lorensi do Canto (BU/UFSC) e a participação da advogada Bianca Amaro de Melo (IBICT) e do Prof. Enrique Muriel-Torrado (UFSC/Universidad de Granada).

Fábio fez a abertura da mesa-redonda cumprimentando os demais componentes da mesa, os participantes presentes, a comissão organizadora e os colegas bibliotecários. Enfatizou que se trata de um tema relevante para quem trabalha com a produção científica, e que desperta muitas dúvidas, não apenas aos editores, mas também aos autores. Falou da dinâmica dos trabalhos, que seria dividida em dois momentos, sendo o primeiro dedicado às explicações, com duração de 40 minutos para cada debatedor, e o segundo aberto para debate e perguntas. Destacou que no material fornecido aos participantes havia formulários para elaboração de perguntas por escrito, caso houvesse interesse.

“Políticas editoriais e direitos autorais”

Bianca iniciou a sua fala sobre “Políticas editoriais e direitos autorais”. Disse que se trata de um tema bastante controverso, mas que faz parte das nossas vidas. De acordo com Bianca, o mundo do direito autoral está presente em nossas vidas de diversas maneiras, desde o CD que compramos, as revistas, os dispositivos móveis, os projetos arquitetônicos, os programas de computador, os livros, e está muito presente nas revistas. Destacou que o direito autoral protege as criações do homem; conforme a Lei nº 9.610/98, as obras protegidas são todas as criações do espírito expressas por qualquer meio ou fixadas em qualquer suporte tangível ou intangível conhecido ou que se invente no futuro. Ressaltou que nenhum brasileiro pode alegar o desconhecimento de uma lei e cometer um ato ilícito. Informou que o marco histórico do direito autoral vem desde a Antiguidade, da Grécia, de Roma, mas que a prensa tipográfica com tipos móveis, criada por Gutenberg em 1436, mudou o paradigma, pois se abriu a possibilidade de aumento da produção e das transações comerciais. Criou-



se um mercado com a invenção da imprensa, surgiu o monopólio dos editores, que começaram a não só imprimir, mas circular os livros e comercializá-los. Trata-se de um modelo consolidado que ainda persiste nos dias de hoje.

Enfatizou que há dois caminhos: o *copyright*, que se fundamenta na materialidade da criação e preocupa-se com a comercialização e distribuição do que foi criado; e o *droit d'auteur*, que se preocupa com o autor, para além do potencial econômico de sua obra. Segundo Bianca, esta é a visão que se segue no Brasil.

O direito autoral tem uma natureza dúplice: direito moral e direito patrimonial. O direito moral garante ao autor: poder reivindicar a qualquer tempo a autoria da obra; ter seu nome indicado ou anunciado, como sendo do autor, na utilização da obra; conservar a obra inédita; assegurar a integridade da obra, sem modificação por parte de terceiros; modificar a obra, antes ou depois de utilizada; retirar de circulação a obra ou suspender qualquer forma de utilização já autorizada, quando a circulação ou utilização implicarem afronta à sua reputação e imagem; ter acesso a exemplar único e raro da obra, quando se encontre legitimamente em poder de outrem; ter direito exclusivo de utilizar, fruir e dispor da obra literária, artística ou científica.

O direito patrimonial, por sua vez, garante ao autor o direito exclusivo de utilizar, fruir e dispor de obra literária, artística ou científica. Portanto, para quase tudo é necessário que o autor autorize previamente, tais como: reprodução parcial ou integral; edição; tradução para qualquer idioma; distribuição mediante cabo, fibra ótica, satélite, ondas ou qualquer outro sistema que permita ao usuário realizar a seleção da obra para percebê-la em um tempo e lugar previamente determinados por quem formula a demanda; inclusão em bases de dados, o armazenamento em computador, a microfilmagem e as demais formas de arquivamento do gênero; quaisquer outras modalidades de utilização existentes ou que venham a ser inventadas. É preciso pedir autorização para o titular do direito do autor.

Para Bianca, o problema está relacionado à vertente patrimonial do direito autoral, porque em geral os autores negociam a titularidade de seu direito autoral com editores para garantir a edição/produção e circulação de sua obra. Na maior parte dos casos, o autor recebe mais em reconhecimento do que em valores pecuniários. A moeda de troca normalmente é o reconhecimento. Assim, o monopólio dos editores se manteve ao longo dos séculos, até a popularização da internet (Web).



Ressaltou que a comunicação científica se faz principalmente por meio de publicações em periódicos científicos. O cenário mundial da comunicação científica é o alto custo das assinaturas dos principais periódicos científicos. A lógica foi invertida. Os autores/pesquisadores que faziam e fazem os periódicos existirem passaram a depender dos periódicos, levando ao aumento das assinaturas. As universidades começaram a ter problemas. Começou-se a ter dificuldades de acesso e lentidão editorial. Surgiram as novas tecnologias de informação e comunicação, ferramentas que buscaram caminhos alternativos para facilitar a publicação e o acesso livre às informações científicas.

Com isso, nasce o movimento de acesso aberto às informações científicas, que consiste na disponibilização livre, gratuita e irrestrita da informação científica na internet, de modo que qualquer usuário possa ler, fazer *download*, distribuir ou referenciar o texto completo. Deu-se início a uma nova contenda: Quem é o dono do artigo? São os autores ou as editoras? As editoras tiveram que criar novos modelos de negócio. Há três modelos em que o autor paga. O modelo para assinatura (tradicional), no qual o autor cede os direitos para a editora e a taxa é menor; o modelo híbrido, em que parte da revista está em acesso aberto e outra parte em acesso fechado, por assinatura; e o modelo de acesso aberto. Enfatizou que os autores deveriam aprender a dar importância à letra pequena dos contratos de edição e se preocupar, e não se iludir com as revistas predatórias (revistas falsas, fraudulentas, que enviam *e-mails* que oferecem a publicação em acesso aberto em troca de pagamento).

Apresentou uma tabela com as taxas para o processamento de um artigo (*article processing charges* — APCs), custo para o autor, de acordo com cada modelo de negócio dos principais editores. Para concluir, informou sobre o Diretório de Políticas Editoriais das Revistas Científicas Brasileiras (Diadorim), novo serviço do IBICT, que oferece informações a respeito das autorizações concedidas para o armazenamento e o acesso dos artigos das revistas brasileiras em repositórios digitais de acesso aberto.

“Direitos autorais e licenças Creative Commons (CC)”

Enrique falou sobre a diferença entre “Direitos autorais e licenças Creative Commons (CC)”. Destacou que direito de autor é uma forma de diferenciar conteúdos e se divide entre direitos morais: divulgação, nome ou pseudônimo, paternidade, integridade, modificação, retirada e acesso; e direitos patrimoniais: reprodução/cópia, distribuição/suporte, comunicação



pública, transformação (adaptação, tradução, etc.). Ressaltou que o CC fez mais pela educação que a lei de direitos autorais.

Enfatizou que CC não é igual a *copyleft*, e que esta é uma confusão muito comum. Para uma obra ter *copyleft*, é necessário registrar o *copyright* e adicionar os termos de distribuição (usar, modificar, redistribuir). O *copyleft* permite fazer isso se os termos de distribuição não forem modificados. As licenças CC são um tipo de contrato, que flexibiliza o *copyright*, facilita a compreensão de como usar as obras ou revistas. CC são ícones.

Qual a relação de cada ícone com os direitos de autor? Os direitos importantes para o autor são os de paternidade e transformação (reprodução, comunicação pública, distribuição). O direito de paternidade é obrigatório mais o aviso de licença (direitos morais são muito importantes). Os direitos de reprodução, distribuição e comunicação pública são compartilhados, pode-se compartilhar igual, sem fins comerciais. Licença é um tipo de contrato em que decidimos as condições para compartilhar. Há seis tipos de licença, umas mais abertas e outras mais fechadas: BY (paternidade/atribuição, quaisquer fim), BY + SA (compartilhar igual); BY + ND (não derivadas); BY + NC (não comercial); BY + NC + SA (criar e distribuir obras que se derivem); BY + NC + ND.

Ressaltou que a *Revista Nature* adota a licença CC BY como padrão. Enrique destacou: ler bem as licenças; licenças CC são irrevogáveis; pensar como se quer que as revistas sejam utilizadas; os autores são os titulares (conservam seus direitos); os autores devem autorizar a publicação na revista; licenças CC não oferecem proteção jurídica; há que incluir tipo de licenças na revista e nos artigos; especificar o que se está licenciando (fotos, texto, etc.), se for necessário; podem-se adicionar os artigos em repositórios; SciELO só tem BY e BY-NC. Concluiu que as licenças CC permitem flexibilizar o *copyright* e são um instrumento crucial para as revistas científicas.

DEBATE

Deu-se início ao momento para perguntas e comentários.

Fábio Lorensi do Canto (BU/UFSC) destacou que esse modelo de direito autoral não tem favorecido o autor, mas sim o editor, o monopólio. Argumentou que na universidade há produtores do conhecimento e consumidores das obras intelectuais. Trata-se de ciência, de pesquisa, de evolução técnico-científica. Tem-se o poder, como consumidor e produtor, de também ditar as regras do jogo. Os conglomerados são muito fortes, ditam preço, forma e colocam a universidade numa situação muito



delicada. O que se pode fazer? Qual a saída? Vive-se um ano de ajuste fiscal, de arrocho, será que não é um momento para questionarmos nossos editores quanto ao alto custo? O acesso aberto chegou para ficar, e o que podemos fazer para melhorar esta realidade? Podemos melhorar o fluxo editorial, mas como fazer com que este fluxo seja mais célere? Quando se fala em financiamento público, no âmbito de mestrado, doutorado e pós-doutorado, o autor pode se esquivar de fornecer o acesso completo? No caso das teses e dissertações que estão sendo digitalizadas, será que o autor pode se negar a disponibilizar também o seu trabalho na versão digital, mesmo tendo financiamento público? Fábio pediu para que fosse traçado um paralelo entre o direito autoral e a titularidade do direito autoral nas revistas científicas, entre o direito e o dever autoral. Quais os direitos da revista e quais os deveres em relação à autoria? Quais as relações de direito que existem entre o autor e o editor nestas questões?

Bianca Amaro de Melo (IBICT) — Os direitos do editor deverão estar bem claros na política editorial. O editor apresenta um contrato que o autor pode assinar ou não. Neste contrato, será expresso o que já está descrito na política editorial, os direitos e deveres. A originalidade, em geral, é um direito do autor. Os direitos do autor estão garantidos por lei. Os direitos e deveres que o editor impõe ao autor são também determinados pelo editor.

Prof. Enrique Muriel-Torrado (UFSC/Universidad de Granada) — Só é negociável a parte dos direitos patrimoniais. Nas revistas de acesso aberto, não há muitos problemas com esta questão.

Prof. Dr. Juarez Vieira do Nascimento (PRPG/UFSC) — Quais os procedimentos adotados por mestrandos ou doutorandos para enfrentarem possíveis problemas de direitos autorais em trabalhos apresentados na forma de artigo?

Bianca Amaro de Melo (IBICT) — A compilação de artigos apresentada como tese está sendo uma prática corriqueira. Neste modelo, o processo é validado pelos pares ao longo do curso, e a aprovação final é das conclusões. No momento da publicação, o autor deve negociar esta questão. Deve-se demonstrar para o editor o interesse em publicar na revista, mas esclarecer que o artigo a ser submetido faz parte da tese. Toda a questão do direito autoral pode ser negociada em contrato. No papel de editores, temos que deixar muito claro o que se quer, e como autores/pesquisadores temos que ler os requisitos. A universidade tem direito de disponibilizar as teses e as dissertações de seus alunos? Eles assinam uma licença assim que entram? Se eles assinam no final, recomenda-se passar a garantir no início do processo, pois desde o princípio já fica definida a regra



do jogo, quando o aluno entra na pós-graduação. Quanto ao autoplágio, no caso da compilação, não é considerado. O autoplágio só é identificado por outrem. Os pesquisadores identificam e podem processar um autor por autoplágio, quando as regras da revista requererem originalidade.

Roberta Moraes de Bem (BU/UFSC) — Até que ponto é antiético ou ilegal transformar uma tese em diversos artigos?

Bianca Amaro de Melo (IBICT) — Trata-se de uma disseminação compartimentada, seletiva. Você difunde trechos da sua tese segundo a natureza da revista. Não há problemas. O principal é a comunicação científica. A tese e a dissertação são momentos de formação, e a pesquisa só se concluiu quando você a torna pública.



Palestra: “Acesso aberto: modelo de negócios e processo editorial”

A palestra “Acesso aberto: modelo de negócios e processo editorial” foi proferida por Mariana Rocha Biojone, representante da editora Springer. Mariana apresentou alguns números da Springer, tais como quantidade de publicações (livros, revistas), acordos com instituições científicas, número de funcionários, participação de autores da Springer no Prêmio Nobel.

Destacou as vias do acesso aberto: via verde e via dourada. Na via verde, os autores podem armazenar a versão do manuscrito do autor nos repositórios institucionais, mas podem ser aplicados períodos de embargo. Na via dourada, o artigo passa a estar livremente acessível na internet; pode ser armazenado nos repositórios, sem período de embargo; o *copyright* é do autor; são pagas as taxas de publicação para que o artigo seja publicado; a licença mais comum é a mais aberta (CC BY).

Ressaltou que houve um crescimento no número de periódicos em acesso aberto, em todas as áreas do conhecimento. Aumentaram também os mandatos de acesso aberto; as universidades, instituições de pesquisa, agências de fomento obrigam seus pesquisadores a publicarem seus artigos em acesso aberto, desde que tenham financiado a pesquisa.

Falou sobre o acesso aberto na Springer. Na via verde, pode ser feito imediatamente o depósito da versão do manuscrito, aceita para a publicação, no *site* do autor. Em outros repositórios, tem-se um embargo de 12 meses. Na via dourada, os artigos são publicados dentro da licença CC BY, e o *copyright* é dos autores, o autoarquivamento em repositórios é imediato (sem embargo) e pode-se depositar a versão final publicada.

Destacou que na Springer há dois grandes produtos: BioMed Central e Springer Open. Todos os artigos podem ser distribuídos, estão em acesso aberto, o *copyright* é dos autores, não é cobrada assinatura das revistas, mas há uma taxa de publicação dos artigos que varia de acordo com a revista. Dentro da Springer Open, pode-se publicar um artigo entre 500 e 1.500 euros. Estas taxas são pagas pelos autores, mas podem ser pagas pelos acordos institucionais.

Discorreu sobre o processo editorial dos periódicos em acesso aberto. Os periódicos são de fluxo contínuo (os artigos chegam e vão sendo publicados), por isso cada periódico possui um volume e um número. A



navegação é por mês e por ano, os periódicos possuem o Digital Object Identifier (DOI). Os editores recebem os artigos submetidos e os encaminham para a revisão por pares, que é realizada por três revisores. Procede-se à reformulação e reestruturação para as devidas adequações, e passa por um processo de revisão de qualidade. Publica-se uma versão provisória em PDF, que pode ser enviada ao Pubmed. Realiza-se uma segunda revisão de qualidade, em que é liberado o PDF final juntamente com o XML.

Mariana destacou que, para melhorar a qualidade da revista, é importante: a) elaborar um plano de desenvolvimento para o periódico — cada periódico é único e tem seus próprios objetivos. É preciso considerar as seguintes questões: O periódico possui tema ou perspectiva única? Quais são os pontos fortes e fracos? Qual o escopo? Quais os objetivos e as metas? Quais são os periódicos concorrentes? É realizada a revisão dos dados estatísticos?; aumentar as submissões de alta qualidade e aumentar a visibilidade dos artigos publicados; b) manter o corpo editorial atualizado sobre os objetivos e o desenvolvimento do periódico; fazer reuniões regulares e o envolver na promoção do periódico e na encomenda de artigos de qualidade; c) publicar artigos de qualidade, observar o que está acontecendo na área que pode atrair os pesquisadores (nova tecnologia, novo processo); entrar em contato com possíveis pesquisadores e manter-se em contato; desenvolver a rede (*network*); d) publicar séries temáticas e suplementos; e) fazer a promoção e o *marketing* (usar as redes sociais para promoção de um artigo, de uma revista); f) fazer a gestão da revisão por pares.

DEBATE

Deu-se início ao momento para perguntas e comentários.

Bianca Amaro de Melo (IBICT) — Qual a diferença de APC das revistas impressas para as revistas *online*?

Mariana Rocha Biojone (Springer) — O preço é definido de acordo com a forma de acesso, se está em acesso aberto ou não. A diferença não é revista eletrônica *versus* impressa, mas revista de acesso aberto *versus* revista híbrida. A revista restrita (fechada) vai depender da negociação de cada instituição. Há revistas que são mais caras, o que depende do tamanho da instituição. Esta negociação é feita pelo grupo de vendas, e há vários modelos financeiros.

Bianca Amaro de Melo (IBICT) — Não se percebe as grandes editoras acompanharem as vantagens que as Tecnologias da Informação e



Comunicação (TICs) proporcionaram. Por outro lado, é preciso ficar muito esperto, porque é possível que o “último grito” das editoras comerciais seja fazer uma troca; em vez de pagar um preço astronômico para assinar tal revista, pagam-se preços astronômicos para publicações de artigos nestas revistas.

Mariana Rocha Biojone (Springer) — Há um modelo de negócio por trás, existe uma preocupação de receber um valor pela publicação, para sustentabilidade da revista. Alguns países e instituições estão fazendo os *publishers* repensarem estes modelos de assinaturas e modelos de acesso aberto. Dentro dos grandes *publishers* há os dois lados, mas são comerciais, precisam vender para existir, há todo um trabalho por trás que justifica estes valores. A Holanda está fazendo um pagamento para ter acesso a todas as revistas por assinatura, e os artigos de autores destas instituições são publicados em acesso aberto.

Bianca Amaro de Melo (IBICT) — A sensação é a de que está sendo criado um Portal da Capes na Holanda.

Mariana Rocha Biojone (Springer) — O país já pagava para ter acesso, só que o que estava sendo publicado pelos autores holandeses nestas revistas não estava sendo disponibilizado fora da Holanda, mas está aberto para o mundo.

Prof.^a Dr.^a Rosângela Schwarz Rodrigues (PGCIN/UFSC) — A Holanda, em termos editoriais, está entre os quatro maiores países que publicam 75% de todos os periódicos do mundo. A China, por exemplo, publica o segundo maior número de artigos, mas está em 14 ou 15 no número de títulos.

Mariana Rocha Biojone (Springer) — A perspectiva é negociar com outros países também. Aos poucos será possível falar melhor sobre esta mudança de paradigma.



Palestra: “Critérios de indexação no Web of Science”

Danilo Collalto, representante do Web of Science, falou sobre os “Critérios de indexação no Web of Science”. Destacou que Bradford foi o criador do Web of Science e o responsável pela criação da lei de Bradford e dos principais índices do Web of Science atualmente.

Ressaltou que as principais universidades do mundo têm acesso ao Web of Science; esta base faz parte dos *rankings* universitários e ajuda a determinar políticas de critérios de indexação.

Discorreu sobre os critérios de seleção utilizados pelo departamento editorial da Thomson Reuters para indexar um periódico científico: a) padrões editoriais: frequência, nome, resumo explicativo, contato dos autores, língua, título, *peer review*; b) conteúdo editorial: Qual a cobertura de outros periódicos na área em questão? Como a revista requerente irá agregar mais qualidade a esta área?; c) diversidade: A revista tem foco para o mercado internacional ou é regional? (se é internacional, parte da equipe do conselho editorial deve ter pesquisadores de diversos países); Qual o foco da revista?; d) análise de citações: para as revistas novas, que não possuem muitas citações, são avaliados os trabalhos anteriores dos autores. Utilize o Web of Science para ver como seu periódico está sendo citado. Seu periódico pode não estar indexado no Web of Science, mas está sendo citado. A autocitação também é observada, e é normal em algumas situações ocorrer a autocitação. No Journal Citation Reports (JCR), o número de autocitação fica abaixo de 15% a 20%, é a média aceitável de autocitação em um periódico, a depender da área; e) flexibilidade das línguas em algumas áreas específicas.

Quem deseja indexar um periódico no Web of Science deve procurar entender como são os periódicos já indexados na área de atuação de interesse.

DEBATE

Deu-se início ao momento para perguntas e comentários.

Participante — Depois da revista ser selecionada, quantos anos ela leva para ser indexada no Web of Science?

Danilo Collalto (Web of Science) — Em geral, são dois anos.



Relatos de experiências

Revista Cadernos de Tradução: “Desafios na submissão do periódico no SciELO”

Leticia Goellner, do periódico *Cadernos de Tradução*, falou sobre os “Desafios na submissão do periódico no SciELO”. Trata-se de uma revista da Pós-Graduação em Estudos da Tradução da UFSC, criada em 1996 pelos professores, e de periodicidade semestral. Em 2013, recebeu conceito A1 no Qualis e, em 2014, ficou entre as revistas com maior quantidade de *downloads*. Discorreu sobre as estratégias para a submissão do periódico no SciELO.

Realizou-se um planejamento em 2012 para os próximos dois anos, estabelecendo-se como meta submeter o periódico para indexação em outras bases e diretórios. A partir daí, para a submissão no SciELO, utilizou-se do formulário fornecido pelo SciELO, que é uma espécie de *checklist* dos requisitos exigidos.

Ao longo de dois anos, foram feitas as devidas adequações no periódico, tais como: inserção do DOI, inserção do símbolo da licença na primeira página do artigo, inserção de nota biográfica do autor, inserção de dados da revista em todas as páginas (legenda bibliográfica).

Uma das dificuldades encontradas foi cumprir o percentual mínimo recomendado (de 20% a 30%) de artigos originais e de revisão na língua inglesa, sendo necessária a tradução de artigos de diferentes idiomas para o inglês. Em janeiro de 2015, foi aprovada a submissão no SciELO, em que o periódico será monitorado por um ano pelo comitê consultivo do SciELO.

Revista Estudos Feministas: “Desafios de permanência no SciELO”

Cristina Scheibe Wolff falou dos “Desafios de permanência no SciELO”. A revista foi criada em 1992 pela Fundação Carlos Chagas e Ford Foundation UFRJ e naquela época era semestral. Em 1999, teve início à publicação na UFSC, em que foi realizada uma reestruturação na revista, reorganização de seções, indexação em bases de dados. Em 2001, a revista entrou no SciELO, cujo desafio foi a questão da periodicidade. Em 2004, passou a ser quadrimestral por exigência do SciELO, o que culminou em alteração no processo editorial (editorias de artigos, resenhas, dossiês,



entrevistas, debate, coordenação editorial). Em 2007, começou a utilizar o Sistema de Editoração Eletrônica/Open Journal Systems (SEER/OJS). A revista ainda enfrenta alguns desafios: a) periodicidade (agravada pela possível inclusão no Web of Science, que exige a publicação no início do período definido); b) todo o processo deve ser realizado no sistema de edição *online*; c) conversão para o XML (apoio do Portal de Periódicos); d) internacionalização (a REF publica em português e espanhol, somente o *abstract* é publicado em inglês); e) profissionalização.

Concluiu apresentando alguns números relativos à avaliação/ao destino dos artigos nacionais e internacionais (submetidos, aprovados, rejeitados, publicados), bem como o número de artigos publicados por natureza (originais, traduções, resenhas, entrevistas), no período de 2012 a 2014.

Revista Brasileira de Cineantropometria e Desempenho Humano: “Desafios de permanência no SciELO”

Prof. Dr. Edio Luiz Petroski, editor da *Revista Brasileira de Cineantropometria e Desempenho Humano* (RBCDH), falou sobre os “Desafios de permanência no SciELO”. Inicialmente a revista era impressa e atualmente é somente eletrônica. O foco da revista é o movimento humano. Teve início em 1999, com periodicidade anual (1999-2002).

Para melhorar a qualidade da revista, basearam-se nos critérios do SciELO e no Web Qualis. Para ele, a revista deve ser interessante para a Pós-Graduação, do contrário ela não cresce, não se desenvolve. Alguns critérios utilizados pela RBCDH: ser semestral (2003-2005) e ter no mínimo 30 artigos publicados (no SciELO, a exigência era de 45 artigos publicados).

Submeteu-se a revista na Lilacs, passando a ser conceito B2 no Web Qualis. Após a trajetória de estar na Lilacs, vislumbrou-se o SciELO. Porém, neste momento, o SciELO já pedia 60 artigos no mínimo. A periodicidade passou a ser trimestral (2006-2009), e havia 72 artigos publicados. A revista foi aceita pelo SciELO em 2010, passando a ter conceito B1, periodicidade bimestral, e o índice H já estava em 13. Em 2013, foi adicionada no Web of Science, tendo a possibilidade de chegar a A2 no Qualis.

Vislumbrou-se a submissão na Pubmed Central, mas a base de dados só aceita submissões se todos os artigos estiverem em inglês. A partir do ano passado, traduziram-se todos os artigos para o inglês. Uma duplicação do trabalho. De acordo com Edio, o mais difícil é a qualidade da versão, da



revisão do inglês, por isso, indicam-se para o autor alguns tradutores que servem como referência para a revista. O custo ficou mais alto, porque são necessárias a revisão e a tradução. É aceita a submissão em português; se o artigo for aprovado, aproxima-se o autor do tradutor, e eles negociam.

Atualmente, a revista está composta de dois editores, nove editores de seção, aproximadamente 130 consultores *ad hoc*.

Mostrou alguns critérios mínimos que um periódico deve ter para a submissão/permanência no SciELO, por área do conhecimento, tais como: porcentagem de editores com afiliação no exterior; porcentagem de pareceristas com afiliação no exterior; fluxo de produção editorial; porcentagem de artigos em inglês; porcentagem de autores com afiliação estrangeira; apresentação de estatísticas até o final de 2015 (manuscritos recebidos, rejeitados, enviados para pareceristas, aprovados versus rejeitados, duração das etapas de processamento dos manuscritos do recebimento até a primeira avaliação; interação entre o editor/editores associados e autores até o parecer final, dentre outras); o tempo médio de avaliação: recomendável um ciclo total médio de seis meses. A RBCDH recebe aproximadamente 250 artigos, dos quais cerca de 30% são aprovados.

Outra exigência do SciELO é que os artigos sejam em XML a partir de 2015. Aumentaram os custos de editoração (diagramação, revisão gramatical — texto, resumo, *abstract*, conversão XML), o que levou a cobrança de uma taxa de publicação. A taxa de publicação é uma tendência que não vai ter volta. Quase todas as revistas possuem taxa de publicação. A partir daí, pode-se vislumbrar o Science Direct.

SeTIC: “Aplicação da marcação XML”

Gustavo Tonini (SeTIC/UFSC) falou da “Aplicação da marcação XML” nos artigos, conforme exigências do SciELO. De acordo com Tonini, estava-se acostumado com o PDF, e chegou esta exigência do SciELO de enviar, juntamente com o PDF, o XML. Tal exigência se justifica pela interoperabilidade, isto é, conseguir processar dados e compartilhar com outros indexadores e poder visualizar os arquivos em dispositivos móveis (acessibilidade). Porém, o SciELO não havia dado soluções, apenas fez as exigências.

Em reunião com o SciELO, foi informado que este desenvolveria um programa para fazer esta formatação. O que muda é que o autor é obrigado a submeter o artigo em formato DOC, o material segue o fluxo



editorial, e quando está tudo em conformidade é feita a transformação para o XML.

Depois que o artigo aceito e revisado passa pela marcação XML, este segue para o SciELO. Quando há erros, o SciELO devolve para correção. Tonini apresentou um exemplo de marcação de um artigo utilizando o *software* de marcação, que é um suplemento dentro do Word. Ressaltou que as revistas estão utilizando os *softwares* com o apoio de bolsistas.

DEBATE

Deu-se início ao momento para perguntas e comentários.

Prof.^a Dr.^a Rosângela Schwarz Rodrigues (PGCIN/UFSC) — O inglês é um tema global, assim como a *Revista Estudos Feministas*. Se fizessem a tradução dos artigos e publicassem em dois idiomas, teriam um fator de impacto muito maior. O Brasil é o sonho de consumo das grandes editoras comerciais, porque tem um parque editorial bem estruturado. Eles querem vender seus pacotes e depois passar a ser editores destas revistas e deter o direito autoral destes artigos.

Prof. Dr. Edio Luiz Petroski (RBCDH) — Todas as revistas que querem crescer, as do Portal, por exemplo, deveriam focar na Thomson Reuters. Tem revistas que estão na Medline e não conseguem entrar no SciELO. É preciso entrar na Medline ou na Pubmed para crescer, no caso da área da saúde. A partir daí é internacionalizar, receber artigos estrangeiros. Quando foi comentado sobre cobrar taxas de publicação, referia-se a duas possibilidades, uma delas é para entrar na Science Direct.

Cristina Scheibe Wolff (*Revista Estudos Feministas*) — A tradução na área das ciências humanas é um problema sério. A qualidade da tradução nas ciências humanas é muito complicada. Como fazer a tradução de citações de entrevistas orais, por exemplo? Imagina traduzir uma entrevista com uma camponesa, por exemplo, é muito complicado. Há uma proposta de se fazer uma versão em inglês que seja somente *online*, mas é uma questão que se está avaliando. O SciELO garante o financiamento do CNPq, o que para nós é essencial.

Leticia Goellner (*Revista Cadernos de Tradução*) — A tradução não é um tema muito discutido nos eventos, e é bastante gratificante ver que neste evento está se falando em traduções de qualidade.



Pergunta via Web — No caso das referências bibliográficas, não seria possível vincular o Endnote com a marcação XML? Qual o tempo médio para transformar um número em XML?

Gustavo Tonini (SeTIC/UFSC) — Seria necessário fazer alguns testes com o Endnote. O tempo vai diminuindo com a prática, para um número inteiro com 12 artigos leva-se mais de um mês. Depende da pré-formatação, dos textos com equações e das fórmulas, que podem causar mais problemas.



Laboratório de Periódicos UFSC

A Prof.^a Dr.^a Gleisy Fachin falou sobre o Laboratório de Periódicos Científicos UFSC. Para Gleisy, falar deste empreendimento, que é o Portal e o Laboratório de Periódicos, é um imenso prazer. Trata-se de uma parceria e uma luta constante em busca de recursos, de reconhecimento e pela institucionalização deste projeto.

A comunicação científica é fundamental em todas as áreas do conhecimento. Atualmente, o Laboratório está sob a coordenação da Prof.^a Gleisy, que continua a parceria direta com a Prof.^a Rosângela. Das idas e vindas à Reitoria, conseguiu-se dois técnicos administrativos para trabalharem no Portal. Desta luta constante, esta já foi a primeira recompensa.

Apresentou um histórico sobre o Portal de Periódicos e o Laboratório, contextualizando que o surgimento deles foi pela necessidade de institucionalizar os periódicos científicos da UFSC.

São objetivos do Laboratório: contribuir para a publicação eletrônica dos periódicos científicos da UFSC; qualificar a produção científica da UFSC; capacitar os editores e demais envolvidos; dar suporte científico, desenvolvendo pesquisas (teses, dissertações, trabalhos de conclusão de curso (TCCs), artigos) que projetem a evolução de critérios e padrões de qualidade para dar visibilidade à produção científica da UFSC.

A metodologia dos trabalhos no Laboratório está baseada em três estratégicas: oferecer cursos de capacitação para editores e bolsistas; prestar atendimento; analisar cada fascículo, conferindo a padronização adotada e os metadados antes da publicação na Web. Há nove periódicos hospedados no Laboratório atualmente.

Apresentou os resultados dos trabalhos em 2014 e alguns problemas relevantes a serem observados pelos periódicos: estrutura (editor, comissão/conselho editorial, avaliadores); políticas editoriais (definição da área do conhecimento e conhecer suas regras e padrões); definição do tipo de avaliação por pares (quem são os pares?); endogenia; instrução aos autores; participação de um autor doutor; artigos de outros locais e estrangeiros; adoção de normas e padronização dos artigos, dentre outros.

Destacou algumas ações para o ano de 2015: auxílio aos periódicos com condição de migrar para o Portal; cursos de capacitação; atendimentos individualizados com cada periódico; avaliação de cada



edição; estudo do marcador de citações usando o SEER/OJS; estudo de recursos de preservação digital de periódicos, dentre outras ações.



Ações e panorama do Portal de Periódicos UFSC

Lúcia da Silveira, bibliotecária da BU/UFSC e coordenadora do Portal, falou sobre ações e panorama do Portal de Periódicos UFSC. Ressaltou que todas as ações estão vinculadas à missão do Portal, que é de promover o acesso, a visibilidade e a pesquisa das publicações científicas periódicas vinculadas aos programas de pós-graduação, à graduação, aos núcleos de pesquisas e aos laboratórios reconhecidos oficialmente pela UFSC.

Apresentou a equipe — constituída por três bibliotecários, um auxiliar administrativo, dois bolsistas e uma editora de conteúdo para mídias sociais —, bem como a estrutura (conselho consultivo) do Portal.

Destacou alguns serviços realizados, entre eles: hospedagem de revistas de acordo com os critérios de qualidade — após o aceite do conselho, a equipe do Portal, juntamente com a SetIC, assessora na migração do periódico; capacitação e assessoria em editoração científica envolvendo o fluxo editorial; sistema de editoração SEER/OJS; indexação em bases de dados nacionais e internacionais; marcação do XML para os periódicos inseridos no SciELO; atribuição do DOI, contribuindo para a preservação digital; conferência dos metadados; divulgação científica nas redes sociais.

Apresentou alguns números do Portal, tais como: número de usuários cadastrados (48 mil); 10 revistas com maior número de *downloads* de artigos; 10 revistas com mais visitas únicas por usuários; número de oficinas e assessoria: capacitação para o uso da plataforma SEER, para a marcação de texto XML e para a normalização de artigos; assessoria na indexação, na editoração de revistas; demais atendimentos presenciais e por telefone.

Mostrou algumas estatísticas do serviço de divulgação realizado via Facebook e Twitter, destacando que o SciELO recomenda o uso destes canais pelos periódicos científicos a partir de julho de 2015. Destacou as atividades realizadas ao longo do ano de 2014 e as ações para 2015. Mostrou alguns indicadores Qualis que refletem a melhoria da qualidade dos periódicos científicos indexados no Portal.

Concluiu com as perspectivas e os desafios do Portal de Periódicos UFSC, entre os quais estão: viabilizar o projeto *Ithenticate* (Crosscheck/Crossref); participar da Rede Cariniana (preservação digital);



realizar o desmembramento do Portal de Periódicos; fazer a avaliação dos periódicos; incrementar o programa de incentivo à publicação periódica.



Apêndice A – Programação

8h30 Credenciamento

9h Mesa de abertura

9h20 Palestra de abertura: “Os paradigmas da publicação científica” – Benedito Barraviera – UNESP

9h50 Debate

10h *Coffee break*

10h20 Mesa-redonda: “Direitos autorais e Creative Commons”
- Moderação: bibliotecário Fábio Lorensi do Canto – BU/UFSC
- “Políticas editoriais e direitos autorais” – Bianca Amaro de Melo – IBICT
- “Direito autoral e Creative Commons” – Enrique Muriel-Torrado – UFSC/Universidad de Granada

11h40 Debate e fechamento da manhã

12h Intervalo para o almoço

14h “Acesso aberto: modelo de negócios e processo editorial” – Springer – Mariana Rocha Biojone

14h45 “Critérios de indexação no Web of Science” – Danilo Collalto

15h15 Debate

15h30 *Coffee break*

15h50 *Revista Cadernos de Tradução* – “Desafios na submissão do periódico no SciELO” – Relato de Experiência – Letícia Maria Vieira de Souza Goellner

16h05 *Revista Estudos Feministas* – “Desafios de permanência no SciELO” – Relato de Experiência – Cristina Scheibe Wolff



16h20 *Revista Brasileira de Cineantropometria e Desempenho Humano* – “Desafios de permanência no SciELO” – Relato de Experiência – Edio Luiz Petroski

16h35 “Aplicação da marcação XML” – Relato de Experiência – Gustavo Tonini SeTIC/UFSC

16h50 Debate

17h05 Laboratório de Periódicos Científicos UFSC – Gleisy Fachin

17h35 Ações e panorama do Portal de Periódicos UFSC – Lúcia da Silveira

17h50 Encerramento



Apêndice B - Fotos







